

Visão e coragem

por Mário Soares

Desde o J'Accuse de Émile Zola que se discute a importância dos escritores na política, como mestres do pensamento e acção. No passado século, entre as duas grandes guerras, alguns escritores franceses – mas não só, alemães, ingleses, americanos, sul-americanos – apresentaram-se como “maîtres à penser” e tinham uma enorme influência nas escolhas políticas dos eleitores. Romain Rolland, o autor do “Jean Christophe” e de “L'Âme Enchantée”, pacifista e “compagnon de route” dos comunistas, foi dos escritores com mais influência política, tendo sido lido por toda a Europa, com paixão. Em Portugal pela geração de Bento de Jesus Caraça. Como Roger Martin du Gard, o célebre autor de “Les Thibault” – uma gesta do socialismo e do pacifismo nos seus primeiros tempos – e de um livro anti-clerical, que tanto me marcou, “O drama de Jean Barois”.

Na guerra civil espanhola, que provocou uma crise de consciência na Europa, os espanhóis dividiram-se, irremediavelmente, entre anti-fascistas e pró-fascistas. Os primeiros muito mais densos, como escritores e artistas, e mais numerosos ou foram mortos na guerra, como Garcia Llorca, ou se exilaram como: Ortega y Gasset, Unamuno, que morreu sequestrado em Salamanca, Salvador de Madariaga e Dionísio Ridruejo, que conheci pessoalmente no exílio em Londres e em Paris, Cláudio Sánchez Albornoz, que chegou a ser embaixador da República em Lisboa, e Américo de Castro, os quais morreram exilados na Argentina e no México, salvo erro, ou Pablo Picasso, o genial pintor que chegou a ser director do Museu do Prado, durante a República e que se exilou em Paris. Mas não foram só os escritores espanhóis que tomaram partido nessa guerra cruenta e heróica, que preparou a segunda guerra mundial. Foram grandes escritores como Orwell, Artur Koestler, André Malraux, autor desse livro inconfundível “L'Espoir”, o americano Hemingway, de “Por quem os sinos dobram”, ou, para dar só um nome de um grande português: Jaime Cortesão, escritor, historiador e poeta.

Os escritores russos na primeira fase da revolução foram extraordinários: como Massim Gorky, autor da “Mãe”. Mas após o estalinismo – e o exílio de Trotsky, ele próprio um extraordinário escritor – todos se tornaram escritores conformistas. Não sei como um escritor russo e judeu, protegido por Estaline, Illya Ehrenbourg, escreveu um livro apaixonante sobre a “Queda de Paris”...

Vem isto a propósito do recente falecimento do grande escritor russo Alexander Isaevich Soljenitsin, prémio Nobel da Literatura, autor do “Arquipélago Goulag”, que teve que se exilar para o Ocidente, regressando à Rússia só em 1994. Soljenitsin foi um homem de extrema coragem que recusou sempre mentir. O que numa sociedade baseada na mentira era particularmente difícil. Foi quem, com a publicação em França do “Arquipélago Goulag” revelou no Ocidente o horror dos campos de concentração soviéticos, semelhantes aos nazis. Quando o fez já tinha ganho o prémio Nobel da Literatura e tinha outras obras como: “O Pavilhão dos Cancerosos” e talvez a sua obra-prima “Um dia na vida d'Ivan Denisovich”.

Foi na época em que era Secretário-Geral do PCUS, Nikita Kruschov – que teve a coragem de apresentar o célebre relatório ao XX Congresso, que denunciou a tirania de Estaline e do sistema – que Soljenitsin foi autorizado a publicar o seu livro. Mas com a época de Brejnev foi expulso da URSS e passou a dissidente, vilipendiado por todos os partidos comunistas do mundo. Lembro-me bem dessa fase, a seguir à Revolução dos Cravos, e como os comunistas portugueses nos injuriavam por defendermos Soljenitsin. Como mais tarde sucederia com Sakharov...

Exilou-se no Ocidente, onde continuou a escrever a sua obra. Tranquilamente. Mas não se deixou convencer pelas “delícias” consumistas do Ocidente decadente. Regressou à sua Rússia, com Gorbachev. Era um herói da guerra, contra os nazis, mas isso não o impediu de ter estado preso num campo de concentração vários anos. Tinha, ao que parece, simpatia por Putin por ter restituído à Rússia um lugar de grande potência, que incontestavelmente é. A sua editora francesa (Fayard) vai publicar no corrente mês de Agosto um livro de Daniel J. Mahoney sobre as ideias do grande escritor. Será um livro importante. Ninguém mais do que Soljenitsin – a Hanna Arendt – mostraram a identidade dos totalitarismos, nazi e soviético.

Vau, 20 de Agosto de 2008